Pavilhão de Ténis, Quinta da Conceição, Leça da Palmeira, Matosinhos, 1960

Fotografia anterior à remodelação

Fotografia tirada em 2012 (posterior à remodelação)

Fotografia tirada em 2012 (esta e as duas no plano inferior)

Fotografia tirada anterior à remodelação, cima

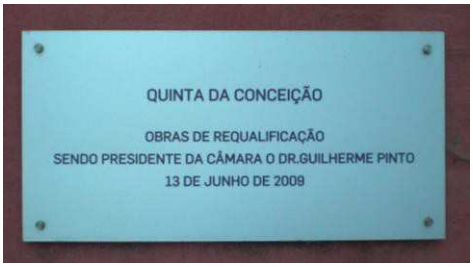
Pavilhão de Ténis, Quinta da Conceição, Leça da Palmeira, Matosinhos, 1960

Implantação

O Pavilhão de ténis resulta da necessidade de criar um edifício capaz de marcar o parque da Quinta da Conceição. O Pavilhão implanta-se no limite noroeste da Quinta que corresponde à cota mais elevada. Um único corpo faz a articulação de duas cotas – a cota do acesso norte e a cota dos campos de ténis. O edifício orienta-se a sudeste e define com os campos de ténis um eixo que termina no porto de Leixões.

Fotografia tirada em 2012 (posterior à remodelação)
Vista do porto de Leixões

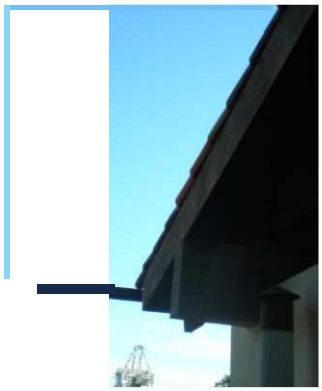
Fotografia tirada em 2012 (posterior à remodelação)
Pavilhão de Ténis

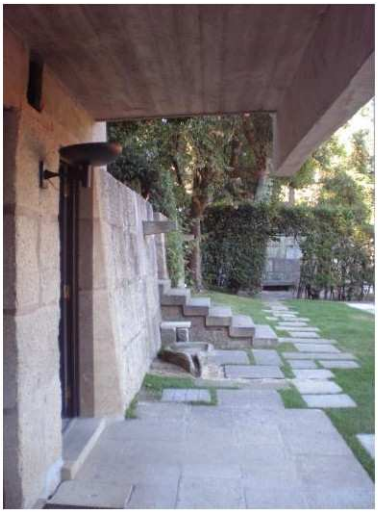


Materiais

Uma grande variedade de materiais reflecte a vontade de caracterização e independência entre os elementos que constituem o edifício. Distinguindo-se por cor, textura e luminosidade, cada parte ganha mais expressão na sua individualidade. As paredes – lâminas – em betão pintado contrastam, pela cor e textura, com os pilares em granito e com a viga em betão descofrado que as interceptam. A madeira da cobertura contrasta com a frieza do pavimento em cerâmica e mármore. O plano do tecto resulta, pela utilização da madeira, mais pesado: aproxima-se de nós, atribui uma escala ao espaço coberto e ganha expressão na totalidade contribuindo para uma possível leitura do edifício como simples cobertura.

No pormenor da guarda, a junção do plano de betão descofrado com o parapeito em mármore branco e o corrimão em madeira demonstra a facilidade de articulação de materiais com características muito diferentes.





Estrutura | Estruturado

Parece que todos os elementos que constituem o edifício têm uma função estrutural. Percebemos onde se apoiam, a sua própria matéria como estrutura que lhes dá forma e o que sustentam. Percebemos cada um deles e percebemos uma cadeia estrutural: um todo equilibrado, onde cada parte participa e é essencial. Na base da cadeia, o muro de granito – simultaneamente muro de suporte (articulando as duas cotas) e parede divisória interior/exterior. Nele se apoia a viga em betão descofrado e nesta a laje que, por sua vez suporta a guarda também em betão. As três paredes de betão recebem a viga, também de betão, e os quatro pilares de granito.

É nestes cinco elementos que se apoia a estrutura em madeira da cobertura.

A cobertura é em telha e segue o sistema tradicional. Os elementos considerados estruturados encontram-se no fim da sequência estrutural: o parapeito em pedra – mármore, o corrimão em madeira e o pavimento cerâmico e de mármore. No entanto, mesmo no tratamento destes elementos, há uma vontade de expressão estrutural. A estrutura em latão do corrimão destaca-se do elemento em madeira, puro. E, pela continuidade do material cerâmico até aos limites da laje o plano do pavimento lê-se também como elemento puro: ver o alçado lateral é como ver um corte onde distinguimos cada um dos materiais, cada um dos elementos.

As partes articulam-se assim, de modo a expressarem a essência de cada material e do papel estrutural de cada um.

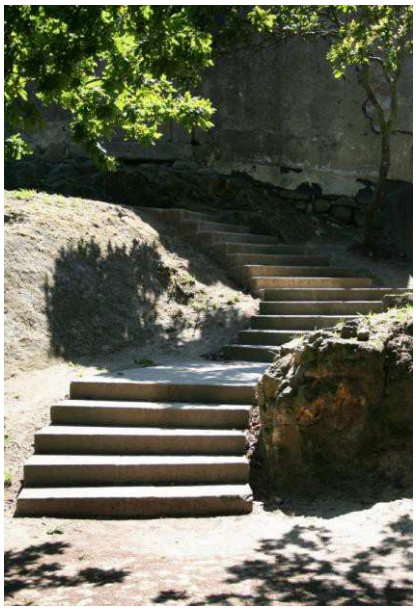
Paredes

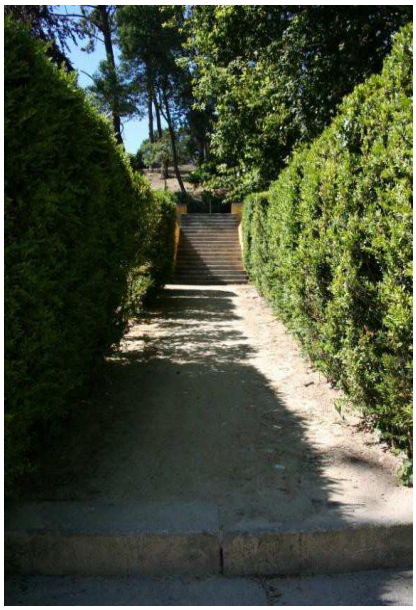
Paredes de contenção de terra e que limitam o espaço interior e exterior diluem-se no terreno. São invisíveis, ou transformam-se em mais um muro que se lê do parque, e não especificamente do edifício. No piso superior, as paredes ganham uma expressão diferente. Não definem espaços rígidos, de características opostas. Pela independência física que permitem entre si e com os outros elementos e pelo contraste cromático – constituem os planos mais claros do conjunto – adquirem maior plasticidade.

Volumetria e Cobertura

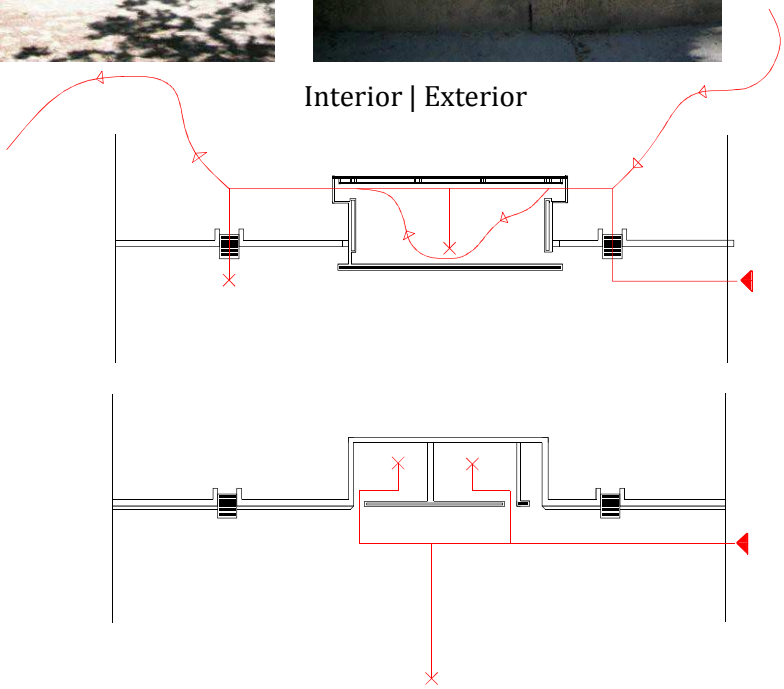
Percebemos cada elemento, onde começa e onde acaba. Puro. E o modo como as partes se articulam, como se interceptam não permite que formemos um volume. O muro de granito, contínuo em toda a extensão da diferença de cota dilui os limites do edifício. Percebemos que existem espaços dentro dele, mas não percebemos onde acabam. No piso superior, as paredes, apesar da sua organização ortogonal, são lidas como lâminas e não como faces de um volume regular. Não existem arestas. Os planos desfasados parecem deslizar e tornam o espaço diluído. Também a cobertura, solta dos elementos verticais – das paredes, dos pilares – participa na diluição da volumetria. Parece flutuar. E, como plano inclinado, ganha grande expressão no conjunto.

A laje que separa os dois pisos funciona como cobertura dos espaços de balneário. Existe assim, para além da expressiva cobertura de telha, a cobertura plana.





Interior | Exterior



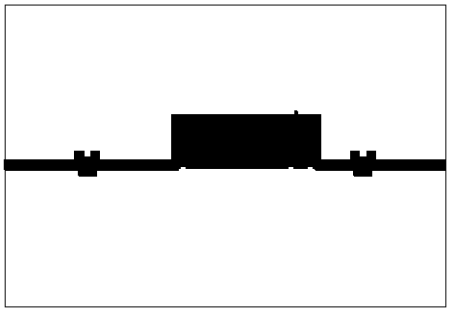
Relação com a envolvente

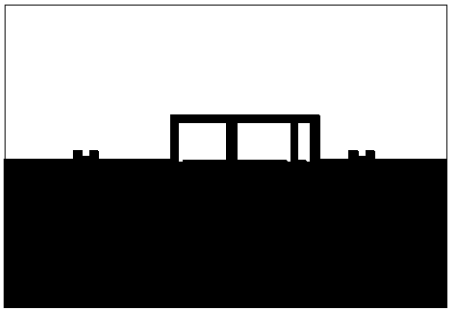
O projecto para o Pavilhão de Ténis deve ser lido na globalidade da Quinta da Conceição. Não só porque é nesta que se insere mas porque o espaço da Quinta foi pensado na sua globalidade e o próprio Pavilhão surge da necessidade de nela se criar um ponto de referência.

Fernando Távora afirma que a tribuna do pavilhão não funciona porque é desconfortável e a visibilidade é má. Também poderíamos afirmar que as fontes ou colunatas que povoam a quinta não servem para nada… Mas, assim como o pavilhão de Ténis todos estes elementos adquirem, no conjunto, um papel essencial na organização, não de espaços específicos, com usos específicos, mas de uma globalidade. O pavilhão, por um lado, afirma um dos principais eixos de contacto com o exterior da quinta – o porto. Por outro, a fluidez do espaço, a sua diluição nos muros, a forma como articula as cotas fazem com que o edifício participe na variedade de percursos – sinuosos ou geométricos – que caracterizam o parque. E funciona também como um alpendre, um espaço de sombra construída diluído na sombra natural das árvores.

Cheios e Vazios

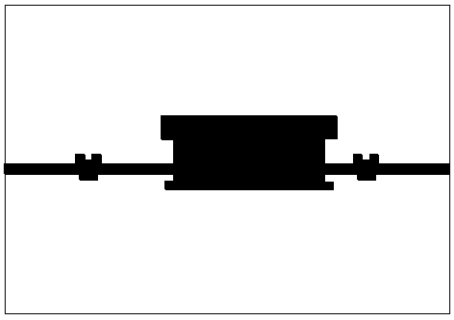
Estudo de acordo com a leitura de Espaço Interior | Exterior

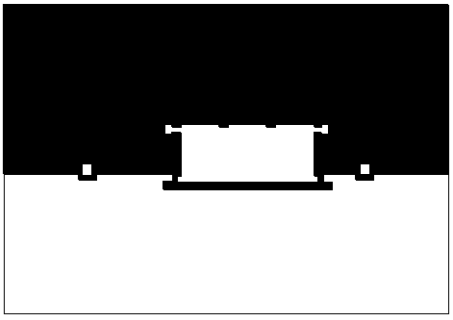


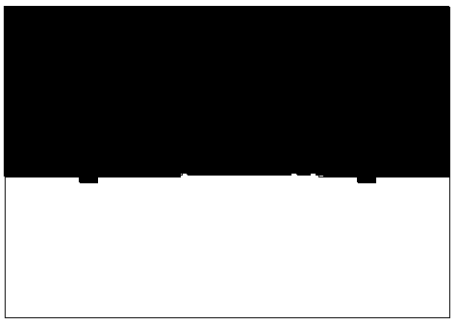


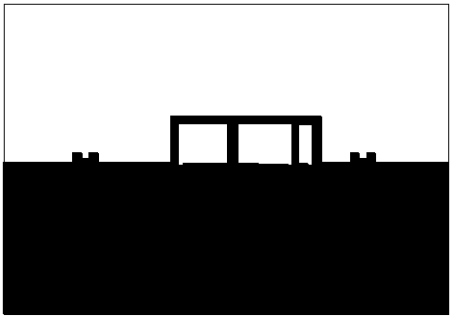
Cheios e Vazios

Estudo de acordo com a leitura de Volumetria

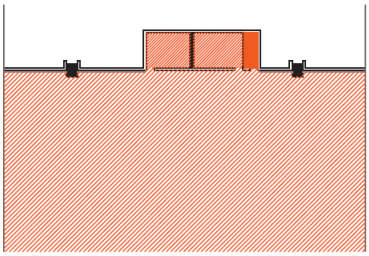








Piso 0



Legenda do desenho técnico (desenhos
mais claros e legenda importados por prnt Scrn)
Desenhos mais *finos* importados directamente
do AutoCAD

- espaço público
- espaços de uso específico - 1 Assistência 2 Campos de Jogo
- espaços de acesso controlado - Balneários
- espaço técnico

Interior. Exterior. Interior | Exterior

Podemos especificar nos espaços que constituem o Pavilhão de Ténis dois tipos de espaço não só pelas suas características próprias – espaço interior e espaço exterior – mas pela relação que estabelecem com os espaços adjacentes. O espaço dos vestiários é interior e encerrado. Pela função a que se destina, a sua comunicação com o exterior reduz-se às portas de acesso e a pequenas aberturas de entrada de luz e de ar. Em oposição, a tribuna, constitui um espaço exterior que, apesar de coberto, se torna *mais exterior* pela diluição dos seus limites.

Programa

Independentemente da capacidade de responder às funções programáticas a que se destina, o pavilhão articula dois usos principais. No piso inferior organizam-se: um espaço de arrecadação; e dois espaços de vestiários, cada um com duas cabines de duche e instalação sanitária própria para uso dos atletas. No piso superior a tribuna destina-se ao uso *público*.

Piso 1 Piso 0

eixo de simetria

eixo de simetria

simetria

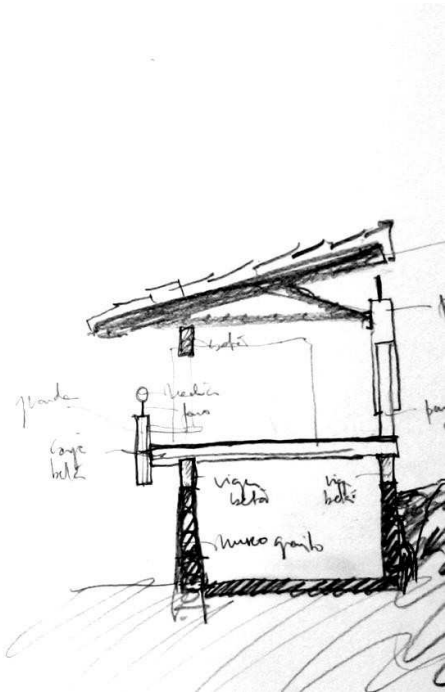
Escala

O pavilhão de Ténis corresponde a um dos poucos momentos em todo o parque e que temos um tecto. A cobertura adquire pela sua inclinação, pelo material (como já se falou) e pela sua proximidade, uma forte presença neste espaço. O plano do tecto com o plano do chão cria um espaço de maior tensão que nos atrai para o limite da tribuna. O espaço ganha neste momento, apesar da ampla abertura para a envolvente, *a nossa escala*.

Simetria

Apesar do sentido neo-plástico, do deslizamento dos planos e dos elementos articulados há uma rígida simetria marcada pela forma regular e pelo duplo acesso à tribuna.

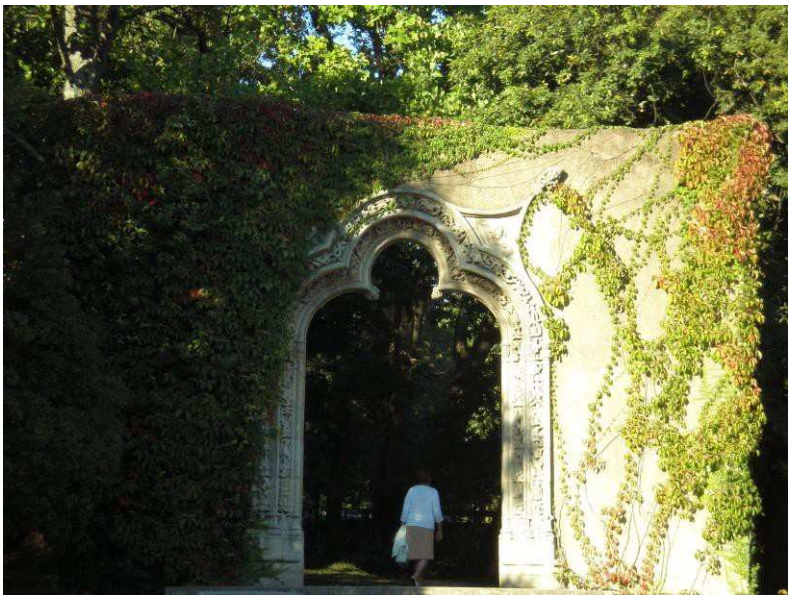
No piso inferior, a localização das portas não responde a um eixo de simetria, assim como as escadas que articulam as duas cotas. No entanto, existe um equilíbrio que ultrapassa o limite físico do edifício e que se alarga em toda a extensão da plataforma (como o muro de granito).

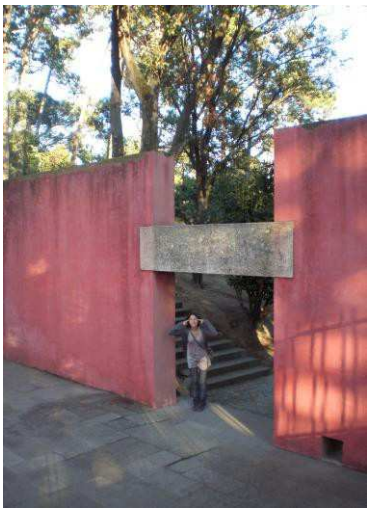


Luz e sombra

Os principais momentos de sombra são criados pelos elementos mais marcadamente horizontais do pavilhão: a cobertura e a guarda em betão. São estes elementos que atribuem a horizontalidade ao edifício.

Mas esta horizontalidade fica acentuada essencialmente, pelos contrastes entre a luz destes planos balançados e a sombra no muro de granito (já por si escuro), e no espaço coberto. Aqui, a viga em betão que percorre todo o edifício acentua a linha de sombra já criada.

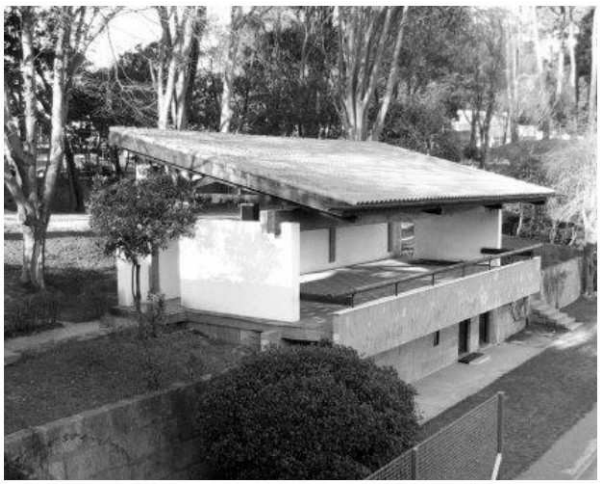




"Quando passeamos pelos jardins da Quinta da Conceição sentimos um equilíbrio tenso entre facturas, artefactos e uma Natureza densa que nos acalma. O pavilhão de Ténis, com uma linguagem entre Doesburg e o Japão…"1

1.Eduardo Souto Moura, *Não há duas sem três*, in *JA 217*, p.30

O exemplo do pavilhão de ténis é *o* projecto do Arquitecto que ainda mais me suscitou a curiosidade desta viagem do Arq. Fernando Távora ao Japão



JAPÃO/TÁVORA